



HÖLDERLIN, F. *Hermócrates a Céfalos (Hermokrates an Cephalus).* *A Cálías (An Kallias).* Tradução bilíngue e notas.¹

André Felipe Gonçalves Correia

Doutorando em Filosofia pela UFRJ (bolsista CNPq)

Mestre em Filosofia pela UFPB

felgorreia@hotmail.com

Resumo

O leitor deparar-se-á aqui com a tradução bilíngue de dois textos de Friedrich Hölderlin. Ambos, datados de 1795 e não publicados pelo autor, além de comportarem personagens oriundos dos diálogos platônicos, assumem o formato epistolar caro à época, tão bem articulado no seu romance de formação *Hiperion ou o eremita na Grécia*. O primeiro, intitulado *Hermócrates a Céfalos*, comporta um teor propriamente filosófico, cujo cerne evoca a crítica às pretensões de absolutização dos sistemas filosóficos, sobretudo aos de sua geração. O segundo, intitulado *A Cálías*, assume um teor de exposição mais literário, nos moldes do *Hiperion*, cujo norte se projeta a partir da noção de heroísmo, por sua vez ancorado ao ideal homérico do mesmo.

Palavras-chave: Friedrich Hölderlin. Filosofia. Sistema. Literatura. Heroísmo.

Abstract

The reader will come across here a bilingual translation of two texts by Friedrich Hölderlin. Both are dated to 1795 and were not published by the author. They bring characters from the platonic dialogues and assume an epistolary format. This genre, so well worked in his formation novel *Hyperion or the hermit in Greece*, was very much appreciated at that time. The first, entitled *Hermocrates to Cephalus*, contains a strictly philosophical content, whose core evokes the criticism of the claims to absolutize the philosophical systems, especially those of his generation. The second, in the shape of *Hiperion*, is entitled *To Callias* and takes on a more literary exposure, whose north is sought from the notion of heroism, which in turn is based on the homeric ideal.

Keywords: Friedrich Hölderlin. Philosophy. System. Literature. Heroism.

¹ Gostaria de prestar meus agradecimentos ao Prof. Dr. Marco Aurélio Werle (USP) pelas sugestões e soluções em alguns pontos de ambas as traduções. Após cada uma, cito o texto original em alemão conforme a seguinte edição: HÖLDERLIN, F. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Edição de F. Beissner. Stuttgart: Kohlhammer, 1958, vol. 4. Cito esta edição alemã apenas para fins acadêmicos e não comerciais, sem qualquer intenção de desrespeitar eventuais direitos da editora ou do editor acima mencionados.

HERMÓCRATES A CÉFALO²

Então tu acreditas seriamente que o ideal do saber poderia aparecer exposto, nalgum determinado momento, em algum sistema, o ideal que todos pressentiram, mas que poucos reconheceram por completo? Tu acreditas até que esse ideal já agora fora realizado, e que ele de nada carece do Olimpo de Júpiter, salvo do pedestal?

Talvez! Sobretudo de acordo como se toma esse último!

Mas não seria então prodigioso se justamente esse modo de aspiração mortal tivesse um privilégio, se a consumação, que cada um busca e que ninguém acha, estivesse disponível justamente aqui?

Eu sempre acreditei que o homem, para se aproximar do ideal ilimitado, necessita de um tempo ilimitado para o seu saber, assim como de um progresso infinito para o seu agir. Eu denominei como sendo um quietismo científico a opinião que trata a ciência como se ela pudesse, nalgum determinado momento,

2 Tradução de: HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Edição de F. Beissner. Stuttgart: Kohlhammer, 1958, vol. 4, p. 222. À época do texto (incompleto, por sinal), Hölderlin se encontrava em Jena, assistindo aos cursos de Fichte. Esse dado nos ajuda a situar a crítica à ciência e aos sistemas filosóficos presentes no escrito. O importante aqui, além do conteúdo, tal como diz Friedrich Beissner, editor da obra completa do autor, diz respeito à primeira tentativa de desenvolver pensamentos filosóficos em formato epistolar, tal como fizera Schiller (uma espécie de mentor para Hölderlin) em *Cartas sobre a educação estética do homem*. Em relação aos nomes Hermócrates e Céfalo, presentes no título, ambos são personagens dos diálogos de Platão; encontramos o primeiro no *Timeu* e no *Crítias* e o segundo na *Politeia* (além de um homônimo no diálogo *Parmênides*). Hermócrates voltará a aparecer na obra hölderliniana como um dos personagens da tragédia *A morte de Empédocles*.

se tornar consumada, ou que estivesse consumada; em todo caso, o erro seria se o homem preferisse se contentar com um determinado limite individual, ou renegar, de modo geral, o limite em que esse estava, mas que não deveria estar.

Isso, decerto, foi possível sob determinados pressupostos, os quais tu deves levar em consideração, a seu tempo, com todo o rigor. Entrementes, deixe-me perguntar se a hipérbole efetivamente se une com a sua assíntota, se a passagem de [...]

HERMOKRATES AN CEPHALUS ³

Du glaubst also im Ernste, das Ideal des Wissens könnte wohl in irgend einer bestimmten Zeit in irgend einem Systeme dargestellt erscheinen, das alle ahndeten, die Wenigsten durchaus erkannten? Du glaubst sogar, dies Ideal sei jetzt schon wirklich geworden, und es fehle zum Jupiter Olympius nichts mehr als das Piedestal?

Vielleicht! besonders, nachdem man das letztere nimmt!

Aber wunderbar wär es dann doch, wenn gerade diese Art des sterblichen Strebens ein Vorrecht hätte, wenn gerade hier die Vollendung, die jedes sucht und keines findet, vorhanden wäre?

Ich glaubte sonst immer, der Mensch bedürfe für sein Wissen, wie für sein Handeln eines unendlichen Fortschritts, einer grenzenlosen Zeit, um dem grenzenlosen Ideale sich zu nähern; ich nannte die Meinung, als ob die Wissenschaft in einer bes-

³ HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Edição de F. Beissner. Stuttgart: Kohlhammer, 1958, vol. 4, p. 222.

timmten Zeit vollendet werden könnte, oder vollendet wäre, einen scientivischen Quietismus, der Irrtum wäre, in jedem Falle, er mochte sich bei einer individuell bestimmten Grenze begnügen, oder die Grenze überhaupt verleugnen, wo sie doch war, aber nicht sein sollte.

Das war aber freilich unter gewissen Voraussetzungen möglich, die du mir zu seiner Zeit mit aller Strenge in Anspruch nehmen sollst. Inzwischen laß mich doch fragen, ob denn wirklich die Hyperbel mit ihrer Asymptote vereinigt, ob der Übergang vom [...]

A CÁLIAS⁴

Eu cochilava, meu Cálias! E meu cochilo era doce. Adorável crepúsculo deitava sobre meu espírito, como sobre as almas no pré-Elíseos de Platão⁵. Mas o gênio de Meonia⁶ me despertou. Ele surgiu meio zangado na minha frente, e o mais íntimo de mim tremeu ante seu apelo.

Em doce ebriedade, estava eu deitado à margem de nosso arquipélago, e meu olho deleitava-se com ele, como ele tão amigavelmente e tranquilo sorria para mim, e a névoa cor de rosa sobre ele encobria, benevolmente, a distância em que vives, e, mais adiante, nossos heróis. Brando e doce como a mão afagante de minha Glicera⁷, movia-se o fresco ar matutino em minha face. Eu brincava em sonhos infantis com a adorável criatura. –

4 Tradução de: HÖLDERLIN, F. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Edição de F. Beissner. Stuttgart: Kohlhammer, 1958, vol. 4, pp. 228-9. Friedrich Beissner, editor da obra completa do autor, diz que o texto pode ter sido um projeto prévio ao *Hiperion*, e que, nesse último, Cálias viera a ser substituído por Belarmino e Glicera por Diotima. O nome Cálias provém do diálogo *Protágoras*, de Platão, além de ser citado em outros diálogos. *Cálias ou sobre a beleza* também seria o título que Schiller pretendia dar, no inverno de 1792-93, a um diálogo socrático de sua autoria.

5 Referência ao mito de Er, tal como consta no livro X da *Politeia*, de Platão.

6 Nome original do Reino da Lídia, na antiga Ásia Menor, cujos habitantes Homero chamava de *Μαίονες*. Esmirna, pátria de Homero, localizava-se na Lídia. Há, inclusive, uma tradição que diz que Homero era filho de Maion, de sorte que seu patronímico seria Maionida.

7 Diferentemente de Diotima, em *Hyperion*, Glicera, embora também disposta aqui como musa e amada do protagonista que escreve a carta, não é uma personagem oriunda dos diálogos platônicos. Como é sabido, Diotima é a sacerdotisa de Manteneia no *Simpósio* de Platão, ao passo que Glicera era um nome usado por algumas heteras (cortesãs) na antiga Grécia. Todavia, não parece ser esse o sentido de sua aparição no texto. O étimo do nome próprio Glicera é o grego *γλυκερός* (doce), explicitado mediante o alemão *süß* (doce), em relação à personagem. Historicamente, Glicera foi uma rainha da Babilônia, na época de Alexandre Magno, adorada quase como uma divindade, possuindo, inclusive, uma estátua de bronze erguida em um templo. O poeta alemão Wieland, de uma geração anterior à de Hölderlin, publicou em 1803 o romance epistolar *Menandro e Glicera*.

Esgotado de ardentes fantasias, agarrei, por fim, o meu Homero.

Por acaso, deparei-me com a passagem⁸ em que o solerte Laértida e Diomedes, o selvagem, depois do dia de batalha, seguem, após a meia-noite, através de sangue e armas no acampamento do inimigo, onde os trácios, extenuados do trabalho do dia, jaziam em sono profundo, longe do fogo dos sentinelas. Diomedes, como um leão furioso, se move zangado entre os que dormiam. Entrementes, Ulisses enlaça os excelentes ginetes para o aprazível saque; evacua os cadáveres que Diomedes atingira com a espada, a fim de que os ginetes não se assustassem, e sussurra agora ao selvagem companheiro, indicando que estava na hora de recuar. Mas, esse ainda reflete acerca de algo audacioso. De um lado, ele quer levantar o coche contíguo, repleto de variadas armas, e levá-lo embora, de outro, ajuntar mais alguns aos treze trácios que sua espada encontrara. Mas Atena surge perante ele e o exorta a se decidir pelo retorno.

E então a alegria da vitória após a descomunal proeza! E como saltam dos ginetes, diante do amistoso acolhimento dos irmãos de armas, com apertos de mão e doces discursos! Então se atiram ao refrescante mar, a fim de lavar o suor e revigorar os cansados membros; e agora, rejuvenescidos e animados, sentam-se para o banquete e vertem do cálice o doce vinho da protetora Atena, infantil oferenda! Oh meu Cálías! Esse sentimento de triunfo da força e da audácia!

Também isso estava disposto para ti, gritava-me, e eu teria podido esconder meu rosto ardente na Terra, tão violentamente de mim se apoderava a ver-

⁸ Referência ao desfecho do Canto X da *Iliada* (vv. 469-579).

gonha diante dos nossos heróis e dos de Homero! Agora estou decidido, custe o que custar.

Tu terias de ver, como, com artifício, eu impusera cores alegres à severa exortação de meu coração, a fim de que ela se me fizesse suportável, e dela pudesse rir, como de uma boa incidência, e esquecê-la!

AN KALLIAS⁹

Ich schlummerte, mein Kallias! Und mein Schlummer war süß. Holde Dämmerung lag über meinem Geiste, wie über den Seelen in Platons Vorelysium. Aber der Genius von Mäonia hat mich geweckt. Halbzürnend trat er vor mich, und mein Innerstes bebte wider von seinem Aufruf.

In süßer Trunkenheit lag ich am Ufer unsers Archipelagus, und mein Auge weidete sich an ihm, wie er so freundlich und still mir zulächelte, und der rosenfarbne Nebel über ihm wie wohlmeinend die Ferne verbarg, wo du lebst, und weiterhin unsre Helden. Sanft und süß wie die schmeichelnde Hand meiner Glycera regte sich die frische Morgenluft an meiner Wange. Ich spielt in kindlichen Träumen mit dem holden Geschöpfe. –

Erschöpft von glühenden Phantasien, griff ich endlich zu meinem Homer.

Zufällig traf ich auf die Stelle, wo der kluge Laertiade, und Diomedes, der wilde nach dem Schlachtttag hingehn nach Mitternacht, durch Blut und Waffen ins Lager der Feinde, wo die Thrazier ermattet von der Arbeit des Tags, ferne von den Feuern der Wächter im tiefen Schläfe liegen. Diomedes wütet wie ein zürnender Löwe, unter den

⁹ HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Edição de F. Beissner. Stuttgart: Kohlhammer, 1958, vol. 4, pp. 228-9.

Schlafenden ringsumher. Indes bindet Ulysses die trefflichen Rosse, zu erfreulicher Beute. Und räumt die Leichname weg, die Diomedes Schwert traf, daß die Rosse nicht drob scheu würden, und flüstert jetzt dem wilden Gefährten zu, daß es Zeit sei. Dieser sinnt noch auf etwas kühnes. Entweder will er den Wagen neben ihm, voll von mancherlei Waffen, in die Höhe heben, und forttragen, oder zu den dreizehn Thraziern, die sein Schwert traf, mehrere gesehen. Aber Athene tritt vor ihn und mahnt zur Rückkehr.

Und nun die Siegesfreude nach dem ungeheuren Wagestück! Wie sie von den Rossen springen beim freundlichen Empfang der Waffenbrüder mit Handschlag und süßer Rede! dann ins kühle Meer sich stürzen, den Schweiß abzubaden, und die müden Glieder zu stärken, und mm verjüngt und wohlgenut zum Schmause sich setzen, und der Beschützerin Athene süßen Wein aus dem Kelche gießen, zum kindlichen Opfer! O mein Kalhas! dies Triumphgefühl der Kraft und der Kühnheit!

Dies war auch dir bereitet, riefs mir zu, und ich hätte mein glühendes Gesicht in der Erde bergen mögen, so gewaltig ergriff mich die Scham vor den unsern und Homeros Helden! Ich bin nun entschlössen, es koste, was es wolle.

Du müßttest sehn, wie ich der ernsten Mahnung meines Herzens gar künstlich fröhliche Farben aufzwang, um sie mir erträglicher zu machen, und sie wie einen guten Einfall belächeln, und vergessen zu können!



Esta obra está licenciada sob a licença [Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).